

OS SENTIDOS DO TRABALHO E A PRODUÇÃO ARTESANAL: OS CASOS DO LUTHIER E DO MESTRE VIDREIRO

THE MEANINGS OF WORK AND THE ARTISANAL PRODUCTION: THE LUTHIER'S AND THE GLASSMAKER'S CASES

Felipe Tavares¹
Valquíria Padilha²

Resumo: No contexto capitalista atual, em que o mundo do trabalho tem se caracterizado como um cenário de precarização, incertezas e instabilidades, onde a maioria dos assalariados realiza trabalhos alienados e com pouco sentido, que alternativas seriam possíveis aos trabalhadores? Seria o trabalho artesanal uma opção de vida laboral dotada de sentido, ainda que inserido na lógica capitalista? Que particularidades esse tipo de trabalho possui? Seriam elas suficientes para propiciar aos trabalhadores/artesãos o que os empregos tradicionais da sociedade industrial não propiciam? Com essas questões ao fundo, o presente artigo é resultado de uma pesquisa que investigou quais são as características peculiares do trabalho artesanal e em que medida elas podem ser consideradas como indicadores de um trabalho com sentido, não alienado - ainda que na ordem capitalista. Partimos da premissa de que a precarização do mundo do trabalho no capitalismo se dá, como evidenciam inúmeros estudos, pelo fato de o trabalhador assalariado estar imerso num universo de gestão cujos valores e princípios levam ao esgotamento físico e mental, sendo a produção artesanal uma das possíveis alternativas que propiciam condições de trabalho mais saudáveis e autônomas. Para confirmar essa suposição, analisamos as experiências de duas categorias de artesãos existentes no Brasil - o *luthier* e o vidreiro. A partir do contato com esses mestres de ofício, por meio de uma pesquisa etnográfica que usou observação não participante e entrevistas aprofundadas, concluímos que os mestres artesãos, apoiados pelas peculiaridades do *savoir-faire* artesanal, estão parcialmente isentos da precarização presente no cotidiano laboral dos trabalhadores assalariados.

Palavras-chave: Trabalho. Trabalho precarizado. Sentidos do trabalho. Trabalho artesanal.

Abstract: In the current capitalist context, where the world of labor has been characterized as a scenario marked by precariousness, uncertainties and instabilities and where most of the wage earners perform alienated meaningless jobs, which alternatives would be possible for the workers? Would the craftsman work be an option for a meaningful working life, even if inserted in the capitalist logic? Which particularities does this type of work have? Would they be enough to provide workers/artisans with what the industrial society's traditional jobs do not provide? With these questions in mind, this paper presents the results from a research that investigated what the peculiar characteristics of the craftsman work are and to what extent they can be considered as indicators of a meaningful and not alienated work - even in the capitalist order. We started from the premise that, as numerous studies point out, the precariousness of the

¹ Graduando em Administração de Empresas na FEARP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto), USP (Universidade de São Paulo). E-mail: felipe_tavares7@hotmail.com.

² Pós-Doutora pela Téluq/UQAM (Canadá). Professora Doutora no Departamento de Administração da FEARP (Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto), USP (Universidade de São Paulo). E-mail: valpadilha@usp.br.

world of labor in capitalism takes place due to the fact that wage earners are immersed in a management universe whose values and principles lead to physical and mental exhaustion, being the artisanal production one of the possible alternatives that provide healthier and autonomous working conditions. In order to confirm this assumption, we have analyzed the experiences of two categories of artisans existing in Brazil - the luthier and the glassmaker. As from the contact with these master craftsmen, by means of an ethnographic research that made use of non-participating observation and in-depth interviews, we have come to the conclusion that the master craftsmen, supported by the peculiarities of the artisanal *savoir-faire*, are partially exempt from the precariousness present in the wage earners' everyday labor.

Keywords: Work. Precarious work. Meanings of work. Craftsman work.

1 INTRODUÇÃO

Esse artigo é fruto de uma pesquisa que analisou o trabalho artesanal - especialmente o de mestres de ofício - inserido no atual contexto capitalista, como uma das alternativas possíveis à precarização no mundo do trabalho. As perguntas que nortearam a pesquisa foram: Existem alternativas reais, na ordem do capital, para os trabalhadores desfrutarem de uma vida laboral dotada de sentido? No contexto capitalista atual, em que o mundo do trabalho tem se caracterizado como um cenário de precarização, incertezas e instabilidades, onde a maioria dos assalariados realiza trabalhos alienados e com pouco sentido, que alternativas seriam possíveis aos trabalhadores? Seria o trabalho artesanal uma opção de vida laboral dotada de sentido, ainda que inserido na lógica capitalista? Que particularidades esse tipo de trabalho possui? Seriam elas suficientes para propiciar aos trabalhadores/artesãos o que os empregos tradicionais da sociedade industrial não propiciam?

Partimos da premissa de que a precarização do mundo do trabalho se dá, como evidenciam inúmeras pesquisas, tanto pelo fato de o trabalhador assalariado estar submetido a uma lógica em que produz para auferir lucro ao capitalista, quanto pelo fato de esses trabalhadores estarem imersos num universo de gestão cujos valores e princípios levam ao esgotamento físico e mental. Acreditamos que há alternativas que propiciam condições de trabalho mais saudáveis e com mais sentido, como é o caso da produção artesanal, já que o artesão, em tese, possui mais autonomia e participação no processo do trabalho, além de não estar submetido aos modelos de gestão industrial.

Diante disso, o objetivo principal da pesquisa foi investigar quais são as características peculiares do trabalho artesanal - a partir das experiências de

duas categorias de artesãos existentes no Brasil, o *luthier* e o vidreiro - procurando identificar os indicadores que definem um trabalho com sentido e ajudam a diferenciar o trabalho artesanal do trabalho industrial. A pergunta central que se pretendeu responder foi: estariam os artesãos, pelas peculiaridades do *savoir-faire* artesanal, blindados (totalmente ou parcialmente) contra o que está presente no cotidiano laboral dos trabalhadores assalariados tipicamente industriais, na ordem do capital? Além disso, descrevemos o processo do trabalho artesanal dos artesãos estudados, buscando evidências da autonomia e da participação do artífice em todas as etapas da cadeia produtiva – o que, teoricamente, afastam-no da alienação e da falta de sentido no trabalho.

Para atingir os objetivos propostos, foram utilizadas as seguintes técnicas de pesquisa, no âmbito de uma metodologia qualitativa: 1) Levantamento bibliográfico sobre trabalho, precarização do trabalho, sentidos do trabalho, trabalho artesanal e 2) Pesquisa de campo e análise das entrevistas, baseada na metodologia etnográfica.

2 O TRABALHO

Muito além de uma atividade meramente econômica, o trabalho pode ser definido como “a atividade existencial do homem, sua atividade livre, consciente – não um meio de conservação da sua vida, mas um meio de desenvolvimento da sua natureza universal”. (MARCUSE, 2004, p. 238). Marx descreve o processo do trabalho da seguinte forma:

[...] é atividade orientada a um fim para produzir valores de uso, apropriação do natural para satisfazer as necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a Natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes igualmente comum a todas as suas formas sociais. (MARX, 1996, p. 303)

Por ser inerente à condição humana, o trabalho passa a ser uma atividade essencial na vida, que confere ao sujeito a oportunidade de se sentir inserido em uma sociedade. É na atividade laboral que se encontra a base da formação da identidade dos indivíduos. Por isso, relações de trabalho

danificadas, precarizadas ou mesmo a privação do trabalho pode resultar na ausência de reconhecimento da própria identidade e, assim, pode trazer frustração e sofrimento.

O desenvolvimento industrial acabou trazendo para o centro das discussões uma forma de trabalho que deixa de lado a satisfação do trabalhador e dá espaço a uma atividade puramente econômica. Essa forma de trabalho é a essência do capitalismo, conforme sugeriram Dobb (1986) e Huberman (1962). De acordo com Dobb (1986), a nova relação capital/trabalho deu ênfase ao aparecimento de uma sequência de medidas organizacionais que promovem a exploração da força de trabalho, que inclui condições precárias nas fábricas, jornadas cada vez menos flexíveis, bem como o pagamento de baixos salários.

Marx (1989) conclui que o trabalhador, no capitalismo, se torna um servo do objeto que ele mesmo produz, ou seja, ele precisa desse objeto, tanto para realizar suas atividades laborais e existir como trabalhador, quanto para receber meios de subsistência. A apropriação do objeto, segundo Marx (1989), surge nesse caso como a alienação do trabalhador, quanto mais ele produz, menos domínio ele tem sobre o produto do seu trabalho e sobre o que ele executa. Marx (1989) considera o ato de alienação das atividades laborais sob dois aspectos:

1: A relação do trabalhador com o *produto do trabalho* como objeto alheio tendo poder sobre este – esta relação é simultaneamente a relação com o mundo exterior sensorial, com os objetos da natureza como um mundo alheio que lhe defronta hostilmente. 2: A relação do trabalho com o *ato da produção* dentro do *trabalho* – esta relação é a relação do trabalhador com a sua própria atividade como uma atividade alheia não pertencente a ele, a atividade como sofrimento, a força como impotência. (MARX, 1989, p. 154. Grifos do autor)

Dejours (2000) discorda do atual discurso gerencialista, apoiado pela lógica capitalista, de que a precarização e o sofrimento do trabalhador foram amenizados com o advento das máquinas na produção industrial:

Querem nos fazer acreditar, ou tendemos a acreditar espontaneamente, que o sofrimento no trabalho foi bastante atenuado ou mesmo eliminado completamente pela mecanização e a robotização, que teriam abolido as obrigações mecânicas, as tarefas de manutenção e a relação direta com a matéria que caracterizam as atividades industriais. Além de transformar braços “cheirando a suor” em operadores de mãos limpas [...], só o que as empresas nos mostram são suas fachadas e vitrines [...], por trás das vitrines, há o sofrimento dos que trabalham. Dos que, aliás, pretensamente não

mais existem, embora na verdade sejam legião, e que assumem inúmeras tarefas arriscadas para a saúde, em condições pouco diferentes daquelas de antigamente e por vezes mesmo agravadas por freqüentes infrações das leis trabalhistas. (DEJOURS, 2000, p. 27-28)

2.1 A precarização no trabalho e a saúde do trabalhador

O progresso tecnológico e automação nas fábricas e indústrias aliado aos novos modelos de gestão do século XX (*taylorismo, fordismo e toyotismo*), além de “enxugar quadros”, diminuem as funções operacionais do trabalhador, que passam a ser desempenhadas por máquinas e robôs, enquanto a jornada de trabalho permanece a mesma. Conforme constatado por Alves (2000), a ordem do capitalismo é introduzir cada vez mais tecnologia e padrões organizacionais vinculados ao *toyotismo*, não só no setor industrial, mas também no de serviços, sendo essa uma forma de redução do trabalho vivo que culmina no aumento da rentabilidade acionária.

No que se relaciona ao Brasil, Druck (2013) afirma que a precarização do trabalho sempre esteve fortemente presente no país. Para Vasapollo (2006), essa relação de trabalho precário está intimamente ligada às medidas de flexibilização, amplamente adotadas no *toyotismo*, e podem ser caracterizadas como: a) liberdade da empresa para despedir parte dos seus funcionários, sem penalidades, quando este é julgado pouco produtivo; b) liberdade da empresa para reduzir, aumentar ou alterar o horário de trabalho sem aviso prévio; c) cabe à empresa decidir o quanto vale o trabalho do assalariado para que ela possa se manter competitiva no mercado perante os concorrentes; d) liberdade para a empresa terceirizar parte das suas atividades; e) possibilidade de diminuir o pessoal efetivo investindo em contratos informais, ou trabalhadores subcontratados, que são privados de qualquer tipo de direito social ou trabalhista. (VASAPOLLO, 2006, p. 45-46,).

Diante de toda essa problemática estrutural no ambiente de trabalho que precariza o assalariado, as relações interpessoais acabam também sendo afetadas e o que se observa é um modelo de negócio em que a figura do gerente exige de seus subordinados resultados e desempenhos humanamente

inalcançáveis, “Daí uma pressão pelo tempo, pelos resultados, mas também pelo medo, que tem consequências terríveis. Ele gera comportamento de adição, estresse cultural e sentimento de invasão.” (GAULEJAC, 2007, p. 214).

A partir do final da década de 1990, Bernardo (2009) constatou que ao invés de uma maior satisfação com a suposta humanização dos processos flexíveis de trabalho, os trabalhadores têm apresentado cada vez mais reclamações a respeito do sofrimento psíquico e doenças psicossomáticas causadas pelas duras normas organizacionais de trabalho. Segundo Dejours (2007), a indústria é uma das grandes causadoras de certas descompensações (desequilíbrio entre as pressões e suas defesas) nos trabalhadores, pois impõe a eles um aumento de ritmo de trabalho intolerável. O autor mostra que o aumento de atividades repetitivas, a aceleração dos tempos e a exigência de um desempenho altamente rentável conduzem à rápida descompensação, que se desencadeia como se fosse uma epidemia: “[...] o pessoal, principalmente feminino, descompensa em crises de choro, dos nervos e desmaio, que atingem, como uma doença contagiosa, toda uma seção de trabalho”. (DEJOURS, 2007, p. 120).

Enriquez (1997) afirma que o indivíduo enclausurado nas malhas de uma organização acaba perdendo gradativamente a liberdade em relação ao seu corpo, à sua forma de pensar e à sua psique. Segundo Dejours (2000), esse método gestor de alienar a força de trabalho e torná-lo um corpo dócil, de modo que não seja um empecilho para a produtividade, estimula o trabalhador a “resistir” e não questionar. Essa negação da precarização e do sofrimento é justamente um dos efeitos causados pela própria precarização, ela leva o trabalhador a pensar que os fracassos na organização são resultados da sua incompetência, má vontade ou incapacidade.

Pensando em todas essas problemáticas do mundo do trabalho, resta perguntar: será que existe algum sentido para o trabalhador quando este se vê subordinado a um modelo de gestão que promove o seu esgotamento físico e mental e o sujeita a um processo de produção que o impede de pensar e de ter controle sobre o próprio corpo?

2.2 Os sentidos do trabalho

De acordo com Hackman e Oldhan (apud TOLFO; PICCINI, 2007), o sentido e significado do trabalho estão intimamente relacionados à qualidade de vida no mesmo. Um ofício que tenha sentido é importante, útil e legítimo para o agente que o realiza e está fundamentado em três características essenciais: (i) a diversidade de funções; (ii) um trabalho não alienante; e (iii) o *feedback* sobre o desempenho.

Morin, Tonelli e Pliopas (2007) atestaram que uma atividade laboral que tenha sentido é aquela que proporciona ao trabalhador prazer e satisfação pessoal, que dê a ele autonomia para realizar suas atividades de forma saudável, que a remuneração lhe confira independência e sobrevivência, que ele tenha oportunidade de crescer e aprender na organização, que tenha o seu potencial devidamente valorizado, e por fim, que o sujeito se identifique com aquilo que faz e também com a organização que lhe emprega, de uma forma que ele possa executar suas tarefas da melhor maneira possível, livrando-o dos sintomas de sofrimento e adoecimento causados pela precarização do trabalho, cada vez mais reforçada pela lógica capitalista. Na contramão dessa lógica, seria o trabalho artesanal fonte de satisfação e não de precarização?

2.3 O trabalho artesanal

O trabalho artesanal é definido como um conjunto de conhecimentos e habilidades que podem ser empregados para produzir objetos ou desempenhar funções, de acordo com um propósito prático previamente especificado (COLLINGHOOD, 2007; ADAMSON, 2010 apud OLIVEIRA; CAVEDON; FIGUEIREDO, 2012, p. 143). Complementando essa definição, o Conselho Mundial do Artesanato³ conceituou artesanato como qualquer “[...] atividade produtiva que resulte em objetos e artefatos acabados, feitos manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares, com habilidade,

³ O Conselho Mundial de Artesanato (World Crafts Council- WCC), fundado em 1964, é uma organização não governamental e sem fins lucrativos que busca promover a união da classe artesã, o desenvolvimento econômico da mesma através de atividades artesanais que geram renda e a organização de oficinas, conferências, seminários e exposições. O objetivo é oferecer incentivo, ajuda e conselhos para os artesãos de todo o mundo.

destreza, qualidade e criatividade” (SEBRAE, 2004, p. 21). Ainda sobre a produção artesanal, Grande et al. (2012, p. 31) explicam essa atividade como a união entre cabeça e mão, e é nesse processo de concepção e execução que o artífice se desenvolve e se especializa, refinando assim a arte do fazer, corrigindo erros, desenvolvendo habilidades e ferramentas.

Além disso, a história do artesanato se confunde com a história da própria humanidade, desde que o ser humano passou a criar e a desenvolver artefatos com as suas próprias mãos para garantir sua sobrevivência e bem-estar. Segundo Huberman (1962), a atividade artesanal típica da Idade Média começou como um sistema de produção familiar e agrário para a subsistência, onde o trabalho era realizado na casa das próprias famílias. O trabalho do mestre artesão e do aprendiz da Idade Média incluía, além da simplicidade do processo de fabricação, o envolvimento sentimental e o culto às habilidades artísticas que essa atividade exigia e ainda exige. Tais características, que sobreviveram ao tempo e prevalecem até hoje, tiveram também o suporte da literatura de Marx e Engels :

[...] encontra-se ainda entre os artesãos da Idade Média um interesse por seu trabalho particular e pela habilidade nesse trabalho que pode elevar-se até a um certo sentido artístico. E é também por isso que cada artesão da Idade Média se entregava inteiramente a seu trabalho; tinha para com ele uma relação de sujeição sentimental e a ele estava muito mais subordinado do que o trabalhador moderno, que é indiferente para com o seu trabalho. (MARX; ENGELS, 2001, p. 59).

A relação do mestre com o aprendiz, em que o ofício do artífice é geralmente passado de pai para filho, é uma das principais características do trabalho artesanal e coloca esse modelo diante de uma tradição que dá continuidade ao *savoir-faire* do mestre de ofício, geração após geração, pois este está intimamente ligada à herança familiar. É possível, então, notar diferenças desse modelo artesanal com o industrial. Enquanto que no primeiro, o saber do artífice é mantido de acordo com ensinamentos repassados por familiares, no segundo, o saber técnico do trabalhador lhe é retirado e transferido a mando do capitalista (DE DECCA, 1995).

Conforme a indústria e o capitalismo evoluíam, a atividade artesanal também teve a sua configuração moldada para poder atender melhor à expectativa do mercado, ainda em crescimento na Idade Média. Segundo

Huberman (1962), após o surgimento do dinheiro como um intermediário de troca de mercadoria, o artesão passou a precificar seus artefatos com base na ideia de “preço justo” proposta por Santo Tomás de Aquino⁴. Esse processo de dar valor ao produto, segundo Huberman (1962), confirmava ainda mais o domínio do artesão no processo produtivo e era feito da seguinte forma

O artesão sabia o que lhe custavam o material e o trabalho, e estes determinavam o preço pelo qual era vendido o produto acabado. Os artigos feitos e vendidos pelo artesão tinham seu preço justo, calculado honestamente à base do custo real, e eram vendidos exatamente por essa soma, sem qualquer aumento. (HUBERMAN, 1962, p. 69).

Para Huberman (1962), o mestre artesão é muito mais do que um simples fabricante de produtos, ele tem também quatro outras funções. O artesão tradicional pode ser considerado “cinco pessoas em uma só”, geralmente ele é responsável por: a) fabricar os produtos; b) procurar e negociar matéria-prima; c) empregar aprendizes, d) supervisionar os aprendizes; e) comercializar os produtos. O trabalho autônomo, bem como a participação em praticamente todos os processos de produção, faz com que o artífice se identifique ainda mais com o seu trabalho. Essa identificação estimula o sujeito a atribuir à sua obra seus sentimentos, suas impressões e os seus valores. Segundo Mills (1951, p.220-223) o ofício do artífice compreende um conjunto de imaginação, criação e operacionalização da produção em si, sendo o domínio desse processo (“o todo”) a fonte de satisfação do artesão.

Sennett (2009) define *artífice* como o sujeito que se dedica à arte pela arte ao invés de apenas desempenhar uma atividade de caráter prático em busca de resultados rápidos. Para o autor o artífice expande as suas habilidades práticas através da experiência e do aprimoramento de sua técnica, e isso se dá através da combinação entre a ideia e a prática, entre o conhecimento do material que será transformado em objeto e a atividade a ser executada. Cada produto confeccionado nessa ordem é único.

⁴ “A noção de São Tomás de Aquino de ‘preço justo’ [...] tratar-se-ia de preço suficiente para remunerar o serviço prestado pelo empreendedor. O lucro não é necessariamente imoral no pensamento tomista. É lícito que alguém revenda uma mercadoria por um preço superior ao seu custo de produção ou de compra, desde que a diferença não exceda aquilo que poderia ser considerado justo.” OLIVEIRA, G. A economia de João Paulo II. **Folha de São Paulo**. Mercado, 09 04 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi0904200503.htm>>. Acesso em: 20 jan 2015.

Mas, nos dias atuais, será que é possível idealizar o mundo do trabalho artesanal como se fosse uma parte fora da lógica industrial capitalista ou temos que olhá-lo considerando as contradições do trabalho artesanal que, nos dias atuais, mesclam tradição e modernidade (GRANDE *et al.*, 2012)?

3 A PESQUISA ETNOGRÁFICA

Depois de realizado o levantamento bibliográfico, fizemos uma pesquisa de campo para coleta de dados baseada no método etnográfico utilizando as técnicas da *entrevista em profundidade* (BREWER, 2000) e a *observação não participativa* com elaboração de diário de campo (WEBER, 2009). Para a análise dos resultados, seguimos os passos sugeridos por Brewer (2000): a pergunta original formulada na fase de planejamento da pesquisa deve ficar sempre em primeiro lugar; considerar *insights* que ocorrem durante a coleta de dados; gestão e organização dos dados; ordenar os dados em categorias e temas; focar nas descrições qualitativas, como a identificação de eventos mais significantes, pessoas e seus comportamentos, estabelecer uma padronização dos dados (procura de temas recorrentes e as relações entre os dados). Além disso, é preciso atribuir sentido e significado para a análise, ou seja, é necessário também interpretar os dados.

Para a elaboração do roteiro de observação e do roteiro de entrevista, que foram aplicados durante as visitas ao *luthier* e ao *vidreiro*, foi necessário sintetizar em quadros comparativos e explicativos todo o levantamento bibliográfico realizado na primeira etapa da pesquisa a respeito do universo do trabalho, do artesanato, da precarização e dos sentidos do trabalho. A partir disso, obtivemos os seguintes quadros:

Quadro 1: Indicadores de precarização e de sentido do trabalho

Indicadores de Precarização	<ol style="list-style-type: none">1. Forma de inserção e contrato (informalidade e subcontrato);2. Imposição de salário real mais baixo;3. Terceirização;4. Desregulação e flexibilidade da legislação trabalhista;5. Diminuição dos postos de trabalho efetivos e estáveis;6. Prolongamento da jornada de trabalho;7. Acúmulo de funções (polivalência), a partir de 1980;8. Intensificação do ritmo do trabalho;9. Pressão por metas;10. Perda de milhares de emprego devido à reestruturação;11. Adoecimento;12. Sofrimento psíquico;13. Fragilidade dos sindicatos;14. Enfraquecimento dos coletivos e das relações interpessoais;15. Relações de trabalho conflituosas causadas por hierarquia, controle e comando;16. Humilhação e constrangimento;17. Local de trabalho insalubre;18. Rígido controle do tempo;19. Casos de assédio moral;20. Grau de responsabilidade dos funcionários sobre suas funções é pequeno ou quase nulo;21. Grau de identificação com o trabalho é pequeno ou quase nulo;22. Sentimento de estar sendo “subaproveitado” ou de que o trabalho não tem importância para a organização;23. Alta taxa de absenteísmo24. Alta taxa de rotatividade da mão de obra;
Indicadores de Sentido do Trabalho	<ol style="list-style-type: none">25. Grau de consciência da atividade que exerce;26. Qualidade de vida no trabalho;27. Alto grau de identificação com a tarefa e com o trabalho;28. Remuneração que lhe confira independência e sobrevivência;29. <i>Feedback</i> apropriado sobre o desempenho do funcionário;30. Prazer no ambiente de trabalho;31. Satisfação pessoal;32. Autonomia para realizar o trabalho;33. Oportunidade de crescimento e progresso na carreira;34. Oportunidade de aprendizado com o trabalho;35. Trabalhos desafiadores;36. O exercício de atividades úteis ou fundamentais para a organização;37. Trabalho que confira uma contribuição positiva para a sociedade;38. Trabalho ético e moralmente aceitável;39. Grau de importância que o sujeito atribui ao trabalho;40. Segurança;41. Saúde.

Fonte: Elaboração própria dos autores.

Quadro 2: Trabalho artesanal versus trabalho industrial

Trabalho Artesanal	Trabalho Industrial
Trabalho é feito manualmente ou com a utilização de meios tradicionais ou rudimentares;	O uso de maquinarias substituindo a mão de obra humana é recorrente;
O artesão é proprietário dos seus instrumentos e ferramentas de trabalho;	O capitalista é dono das máquinas utilizadas no processo de produção;
Atividade produtiva com forte apelo sociocultural;	Atividade produtiva com forte apelo econômico e financeiro;
Artesão é autônomo e responsável pelas suas próprias funções;	O funcionário não tem responsabilidade sobre suas próprias funções;
Participa ativamente da venda dos produtos que confecciona;	Não é responsável pela comercialização da mercadoria que produz;
O artesão consegue identificar todo o processo de produção;	O funcionário de uma indústria não participa de todo o processo produtivo, portanto não se identifica com ele;
Recebe diretamente o <i>feedback</i> de seus clientes;	É avaliado pelos Recursos Humanos da organização;
O próprio decide o preço dos seus produtos e o quanto será remunerado;	É remunerado de acordo com o cálculo do lucro para a empresa e da mais-valia;
O produto artesanal nunca será totalmente parecido com o outro;	Todos os lotes de um determinado produto são padronizados;
Muitos artesãos conseguem permanecer livres e autônomos durante quase todo o processo de produção;	O trabalhador vê obrigado a atuar sob um rígido controle dos seus superiores;
Artesão tem para com o seu trabalho uma sujeição sentimental;	O trabalhador moderno é estimulado indiferente para com o produto do seu trabalho;
Próprio mestre repassa, para as novas gerações, suas experiências artesanais;	Os trabalhadores geralmente aprendem o que sabem na universidade, cursos técnicos ou programas de treinamento;
Trabalho realizado em casas de famílias ou ateliês;	Trabalho realizado em grandes propriedades e estruturas, com grande potencial poluidor;
Baixa ou quase nenhuma rotatividade;	Alta rotatividade;
Ao artesão são demandadas criatividade, imaginação e operacionalização;	Ao trabalhador moderno é demandado agilidade, habilidade e operacionalização;
Produção de pequenas séries, com regularidade;	Produção em escala;
Fruto da criação individual, com apoio de um aprendiz e poucos ajudantes;	Frutos da criação de toda uma equipe de produção;
Os detalhes do trabalho diário são significativos porque, na mente do artesão, eles não são separados do produto final;	Os detalhes do trabalho diário não interessam. O foco é bater metas impostas pela gerência;
O trabalhador é livre para controlar sua própria ação de trabalho;	O trabalhador recebe ordens para acelerar o processo e então produzir mais em menos tempo;
O artesão é capaz de aprender, questionar, dialogar e refletir com a sua obra;	Os gerentes também se aproveitam do poder controlador que tem sobre os operários para induzi-los a pensar dentro de uma lógica pré-definida, impossibilitando-os de aprender, refletir e questionar além das regras;
Gera identificação cultural;	Gera inclusão econômica e no mercado de consumo;
Foco na qualidade;	Foco na quantidade;
Artesão domina o processo de produção, portanto tem controle sobre o tempo de trabalho.	Jornadas cada vez menos flexíveis, controladas por supervisores e gerentes.

Fonte: Elaboração própria dos autores.

A seguir, apresentamos nossas análises sobre os casos estudados do *luthier* e do mestre vidreiro. O *luthier* trabalha numa cidade no interior do Estado de São Paulo e o mestre vidreiro atua numa cidade do interior do Estado de Minas Gerais.

O *luthier*

O *luthier* estudado trabalha há mais de 14 anos no ramo da confecção de instrumentos de música erudita. Na primeira visita à oficina do *luthier* pudemos notar que se trata de um ambiente pequeno, com algumas violas caipiras e violões clássicos a serem terminados. Ter controle sobre o seu próprio tempo é uma das características que o *luthier* considera mais positivo do seu ofício. Ele se considera “autônomo” e diz que consegue programar o seu tempo de serviço de acordo com aquilo que ele tem que fazer, a fim de cumprir seus prazos com os clientes - os quais, segundo ele, se mostram sempre flexíveis.

Outro indicador de sentido no trabalho presente no seu cotidiano laboral e que muitas vezes não se aplica às organizações industriais é o “*feedback* apropriado sobre o desempenho”. Quando nós o questionamos sobre o retorno que ele recebe a respeito dos seus produtos vendidos, o *luthier* respondeu com entusiasmo que recebe, com frequência, *feedbacks* positivos dos seus clientes, e a maioria estão relacionados à qualidade do som dos instrumentos.

Quando o questionamos sobre a sua remuneração, o *luthier* nos contou que embora os preços dos seus produtos estejam acima do mercado, a demanda é baixa e as encomendas pelo instrumento não são garantidas em todas as épocas do ano, por isso, para complementar sua renda mensal ele trabalha como marceneiro em um colégio privado: “*Eu tenho dois empregos, não tenho só o de luthier, ainda preciso trabalhar com armário embutido também (...) eu queria trabalhar o dia todo só aqui na oficina. Mas não dá, porque aqui não entra capital suficiente pra você se manter e ficar o dia todo aqui*”.

Foi possível perceber que o trabalho do entrevistado é dotado não só de autonomia, mas também de uma grande diversidade de funções-chaves e

importantes para processo produtivo: ele participa da fabricação, da compra e negociação de matérias-primas e da precificação e comercialização do produto, ou seja, ele tem um domínio sobre todas as etapas da atividade artesanal. Além disso, ele nos contou que tem o projeto do violão como um todo em mente antes de começar a confeccioná-lo, o que mobiliza as suas capacidades mentais de imaginação e de criatividade.

De acordo com De Decca (1995), o trabalho artesanal muitas vezes se configura através da relação do mestre com o aprendiz na produção, em que o ofício do artífice é passado de pai para filho. Curiosamente, no caso do nosso *luthier*, essa característica não se aplica. Não aprendeu o ofício com nenhum parente (ele é autodidata) e nem está repassando o ofício para seus filhos.

Entretanto, o *luthier* nos revelou que seu dia a dia de trabalho é cansativo, muito em razão do seu segundo emprego fora da oficina. Ele nos contou que o cansaço causado pelo ofício de marceneiro é físico, enquanto que, como artesão, o cansaço é mental, já que o seu trabalho exige imaginação e criatividade. A função intelectual que o *luthier* desempenha, nesse caso, distancia o seu trabalho de ser enfadonho ou repetitivo. No que diz respeito ao controle do tempo, ele se definiu como um artesão autônomo, é ele quem determina quando e o quanto vai trabalhar: *“Venho na oficina todos os dias, mas ai depende. Tem dias que eu fico menos tempo, tem dias que fico mais. Quando eu preciso sair, eu saio. Eu não fico assim, tipo relógio de ponto, tenho que produzir ‘naquele’ tempo”*.

Embora o *luthier* afirme que, de forma geral, ele não vive sob estresse no trabalho, ele comentou sobre algumas atividades do processo produtivo que geram uma maior tensão, como a etapa de confecção do “tampo” do violão. Segundo ele, é uma parte que exige bastante atenção, mas também define a mesma como *“a parte mais emocionante...”*. Outro aspecto do trabalho do *luthier* que é apontado por ele como estressante é a “falta de obediência” das madeiras que ele utiliza para seus instrumentos, já que muitas delas são importadas da Europa e não se adaptam ao clima da sua cidade.

Ao confrontar os aspectos negativos e positivos da profissão de *luthier*, podemos notar que há uma facilidade maior dele falar dos pontos positivos: *“Os aspectos positivos são a satisfação que você tem de ouvir a outra pessoa*

tocando o seu instrumento e depois o dinheiro, que faz você ter uma vida mais tranquila". Nota-se que quando o artesão diz que se orgulha de ver artistas fazendo música com seus instrumentos, ele coloca seu trabalho em um patamar que transcende o produto material em si e ganha valor simbólico. Já em relação aos aspectos negativos, depois de muito pensar, respondeu: *"É difícil responder"*. E prosseguiu: *"O que pode te desmotivar é a parte da venda, às vezes demora para vender (...) se você não consegue vender muito instrumento tem que fazer outra coisa, eu tenho que fazer armário"*.

Por fim, o *luthier* também comentou sobre os impactos que o ambiente de trabalho causou à sua saúde: *"Tem a questão do pó, eu tenho algum problema por causa disso. O verniz também, eu não uso mais o fabricado em fábrica, eu uso o natural porque dá menos problema de saúde"*.

A partir de agora vamos analisar um caso diferente do *luthier*. Trata-se do trabalho de um mestre vidreiro, brasileiro e filho de italianos que começou sua carreira de vidreiro-aprendiz ainda criança, com 10 anos de idade, chamando a atenção de um mestre artesão italiano - que vamos chamar aqui de A.B. - pelo seu talento e desenvoltura, se destacando dos demais. Foi com o apoio do seu mestre e mentor que ele conseguiu construir uma grande "fábrica", onde nos recebeu para a realização da entrevista e observação.

O mestre vidreiro

Diferente do *luthier*, o mestre vidreiro estudado começou como aprendiz quando era criança e hoje é um empresário de sucesso. Esse fato nos impossibilitou de verificar as condições e os sentidos atribuídos ao trabalho escutando diretamente os trabalhadores artesãos. Nossa única fonte de informação foi o próprio mestre, proprietário da empresa.

A análise da entrevista feita com ele e a visita que fizemos à fábrica nos mostraram que a sua empresa ainda mantém muitas das características do trabalho artesanal na confecção de suas peças, como a relação tradicional de aprendizagem entre mestres e aprendizes, o desenvolvimento de ferramentas pelos próprios artesãos e o domínio de todas as etapas de produção de uma peça de Murano - sendo esta a condição para ser considerado um mestre e

não mais um aprendiz. O mestre artesão vidreiro, hoje proprietário da fábrica, se diz satisfeito com suas conquistas e diz pagar salários satisfatórios aos seus funcionários. Percebemos também indícios de precarização relacionados ao ambiente de trabalho insalubre e ao adoecimento por conta do estresse provocado pelo trabalho, como veremos a seguir.

Quando perguntamos ao mestre vidreiro sobre a sua formação ele nos disse: *“Aprendi a trabalhar com o primeiro italiano que veio para o Brasil com essa arte, que foi o A.B.”*. Isso nos leva a crer que a tradição do trabalho artesanal, no que diz respeito à continuidade do *savoir-faire* do mestre artesão, está fortemente presente na história da família do nosso mestre vidreiro. Ele também nos contou que não fez nenhum curso para se especializar nessa arte já que esse ofício só pode ser aprendido com a prática e com a tradição, o que reforça ainda mais a característica artesanal do trabalho que é feito na sua fábrica. Além do mais, pudemos notar que a tradição de dar continuidade ao *savoir-faire* do mestre artesão ainda se faz presente na sua rotina, agora com ele atuando como mestre e seus funcionários mais jovens como aprendizes, e que graças aos seus ensinamentos, tornaram-se mestres também: *“Todos aqueles que vocês forem ver lá dentro da indústria são mestres vidreiros e aprenderam comigo”*.

Além disso, aprendemos com o mestre vidreiro que a produção de uma peça de vidro de Murano precisa de, no mínimo, duas pessoas para produzi-la com qualidade e em tempo hábil. Conclui-se, então, que conhecer todo o processo não necessariamente implica na participação do vidreiro sozinho em todas as etapas da produção. *“Aqui não se faz nada sozinho (...) Eu preciso de pelo menos alguém pra ajudar, pra abrir a boca do formo, pra segurar a ferramenta. Com duas pessoas é possível fazer uma peça, com uma não”*.

Outra característica presente no trabalho artesanal é a confecção de ferramentas e utensílios de trabalho, feitas pelo próprio artesão, a fim de melhorar o seu processo produtivo e aumentar a qualidade da peça que está em desenvolvimento: *“Quando eu trabalhava com o A.B. eu fazia, por exemplo, os fornos com ele. Então aqui nós fazemos os nossos fornos, criamos e desenvolvemos ferramentas para ajudar a produzir mais”*. E completou: *“São*

na verdade gambiarras, porque a ferramenta é a própria pessoa, ela é que usa as suas maneiras para dominar o vidro quente”.

De acordo com a revisão bibliográfica feita, o mestre artesão geralmente concebe todo o projeto do produto na sua mente e depois o transforma em uma peça, através do trabalho manual. No caso da empresa em questão, os mestres que ali trabalham não têm grande participação na etapa de criação da peça: *“90% é o meu irmão, minha filha, minha sobrinha que criam”.* Entretanto, o nosso mestre vidreiro destaca a liberdade que os funcionários têm para trabalhar na fábrica: *“(…) a maneira de produzir, ele não segue aquilo à risca, ele tem a possibilidade e a liberdade pra mudar a forma de trabalhar, pra facilitar pra ele e pra melhorar a qualidade ou o desenho da peça. E ele vai melhorando com a prática do dia a dia”.*

O mestre entrevistado nos relatou que seus funcionários não só trabalham felizes e têm uma ótima relação com ele, como também são bem remunerados por aquilo que fazem, com um salário que, segundo ele, é justo e está acima da média do mercado: *“Eu posso te falar que um aprendiz que está começando agora ganha mais de 2 mil reais, e ai vai aumentando o salário conforme ele vai se aperfeiçoando”.*

Vimos também que um trabalho que tenha sentido é aquele que confira independência financeira para o trabalhador, além de uma jornada que possibilite que a força de trabalho dedique uma parte do seu tempo para o lazer. O mestre vidreiro, entretanto, nos contou que a falta de tempo livre é um dos maiores aspectos negativos na sua carreira: *“Um aspecto negativo é que eu não sei usufruir daquilo que eu consegui fazer (...) Me dediquei demais ao trabalho e esqueci a minha família”.* Entretanto, ele se orgulha daquilo que conquistou com o seu trabalho e da estabilidade financeira alcançada.

Em relação à precarização no mundo do trabalho, podemos citar os acidentes causados no ambiente de trabalho como um dos indicadores mais problemáticos. Durante nossa visita à fábrica, para a observação de como o trabalho do mestre vidreiro é desenvolvido, notamos que os vidreiros manuseiam um material de vidro incandescente e o que protege a sua mão de queimaduras é um pedaço de papel de jornal umedecido, e não luvas, já que estas afetariam a produção e a qualidade do produto. Quando perguntamos a

um dos supervisores se havia muitos casos de queimadura no trabalho, ele nos respondeu que há poucos acidentes e que nos últimos dez anos o índice foi bem próximo de zero.

Além disso, através da observação e dos depoimentos do mestre artesão, podemos inferir que o ambiente de trabalho de uma fábrica de vidros de Murano expõe o trabalhador a diversos indicadores que levam à conclusão de que o local é insalubre, portanto, precário. O trabalhador é exposto a ruídos, exposição pelas vias respiratórias através da inalação de alguns agentes prejudiciais à saúde, além de altas temperaturas e riscos de acidentes. O espaço, por sua vez, é bem apertado, com intensa circulação de pessoas apressadas, pois o vidro quente deve ser transferido de uma cana⁵ para outra e moldado em um curto espaço de tempo para não esfriar. Tivemos uma sensação de “aventura” quando circulamos pela fábrica em meio a tanta gente e tão pouco espaço livre entre fornos, pessoas, ferramentas e vidros quentes.

A jornada de trabalho na fábrica parece ser bastante “frenética”, pelo menos a jornada do nosso entrevistado, que aparentemente é extensa e com pouca folga ou descanso. Quando perguntamos a respeito da quantidade de horas por dia que o mestre vidreiro entrevistado trabalha, ele nos respondeu: *“Se o relógio tivesse 25 horas por dia, eu trabalharia (...) Às vezes venho aqui de madrugada ou num domingo”*. Em relação aos demais funcionários, não obtivemos informações precisas sobre a quantidade de horas trabalhadas por dia, mas sabemos que os fornos nunca param de funcionar, 24 horas por dia, 7 dias da semana.

O nosso entrevistado também nos contou que já sofreu de tensão nervosa em decorrência do trabalho intenso e das preocupações com a fábrica: *“Já me deu um problema, tive que fazer tratamento, fui internado, “tensão nervosa” (...) A gente fica nervoso porque as coisas nem sempre saem como a gente quer, as coisas mudaram, as leis hoje são muito fortes, hoje em dia não pode falar nada, não pode nem olhar para o funcionário que ele leva a gente na justiça”*. Na sua óptica de artesão-empresário, as pessoas estão cada vez

⁵ É um tubo de aço mergulhado no forno para retirar o vidro incandescente. O mestre artesão assopra esse instrumento para criar uma bolha de ar dentro do vidro, a fim de expandir e moldar a peça.

menos comprometidas com o trabalho. Em relação a esse assunto, não ouvimos a versão dos seus funcionários.

Notamos que o mestre artesão se confundiu com o empresário em muitas passagens de sua entrevista. De certa forma, isso também dificulta a nossa análise, pois nem sempre sabemos se pensamos no mestre vidreiro estudado como artesão ou como empresário que tem dezenas de trabalhadores contratados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das entrevistas e observações realizadas e do confronto com os indicadores de sentido do trabalho listados na etapa do levantamento bibliográfico, foi possível identificar o modelo artesanal como uma alternativa de trabalho, mesmo que limitada, que confere ao trabalhador uma vida laboral dotada de maior sentido, se comparado aos trabalhadores de uma indústria, por exemplo. A justificativa para essa conclusão se dá pela constatação de que ambos os mestres artesãos exercem, ou exerciam, atividades que são fundamentais para todo o processo produtivo. São atividades que geralmente exigem um alto grau de consciência e de autonomia, geram aprendizado e possibilidades de crescimento na carreira e resultam em satisfação pessoal para o sujeito no ambiente de trabalho. Entretanto, identificamos algumas limitações no trabalho artesanal das duas categorias estudadas que evidenciam que nem sempre o trabalho artesanal atribui ao trabalhador uma vida laboral dotada de sentido, já que não foi possível falar com os funcionários que trabalham na fábrica de vidros e não podemos atribuir a eles indicadores de sentido do trabalho relatados na versão do proprietário da organização. E também porque, no caso do *luthier*, observamos que ele precisa de dois empregos para sustentar a família, o que evidencia que o seu trabalho artesanal perde parte do sentido ao não conferir ao artesão independência financeira para sua sobrevivência.

A outra questão a ser respondida se relaciona às particularidades do trabalho artesanal e estas foram listadas, uma parte na etapa do levantamento bibliográfico e outra nas visitas que fizemos aos dois mestres artesãos. As

principais características do trabalho artesanal, que o diferencia do industrial, é que as atividades dessa categoria são exercidas totalmente de forma manual, o artesão é proprietário de todas as suas ferramentas de trabalho, ele participa de todo processo produtivo. Além disso, no modelo artesanal de produção, o mestre artesão dialoga com a sua matéria-prima, reflete junto à sua obra e se identifica com ela, o que gera uma sujeição sentimental do artífice com o seu trabalho. Além do mais, no trabalho artesanal, cada objeto produzido é, de alguma forma, único, mesmo que isso não seja facilmente percebido pelos compradores. As diferenças de um produto para o outro podem ser mínimas, mas elas existem pelo fato de o trabalho ser manual e pela fabricação não ser em escala.

Em relação à precarização, embora tenhamos notado diversas características do trabalho artesanal – como evidências de autonomia, conhecimento do artífice a respeito de todas as etapas da cadeia produtiva, identificação com a obra, trabalho totalmente manual e uso de ferramentas confeccionadas pelo próprio artesão – chegamos à conclusão de que em ambos os casos o trabalho é parcialmente blindado da precarização no ambiente laboral, visto que identificamos algumas fragilidades que evidenciam a precarização nas duas categorias de artesanato pesquisadas. No caso do *luthier*, mesmo que ele tenha autonomia no trabalho e não seja submetido a pressões por metas, controle rígido de tempo ou doenças psíquicas, é preciso se atentar ao fato de que o mesmo exerce toda sua atividade artesã em um ambiente de trabalho pouco confortável ou saudável, conforme notamos na observação que fizemos na oficina.

Além disso, o trabalho do *luthier*, segundo ele, não o remunera muito bem, fazendo com que ele tenha que manter dois empregos diferentes para garantir sua independência financeira. Inferimos também que a complexidade do processo de confecção de um instrumento musical de corda gera no *luthier* um pouco de estresse, conforme ele mesmo nos relatou. O artífice dessa categoria também revelou ter a sua saúde comprometida através do contato com fatores químicos de risco, como o pó e uma substância tóxica presente no verniz que fazia mal à sua saúde.

Já no caso do mestre vidreiro notamos um sistema de produção e gestão muito parecido com o modelo industrial, sendo o método de confecção manual uma das poucas características artesanais que prevalecem até hoje. Atualmente, a fábrica tem dezenas de funcionários, sendo a força de trabalho deles uma das maiores fontes de riqueza dos proprietários da empresa. Através das falas do mestre vidreiro, pudemos inferir que o seu trabalho na organização é caracterizado por jornadas de trabalho prolongadas e intensas, ritmo de trabalho frenético e que causa adoecimento. É, portanto, um ambiente de trabalho parcialmente precário, que se diferencia do modelo industrial de produção devido à relação de amizade que o dono tem com seus funcionários, que trabalham com ele há mais de 30 anos e que são, segundo o mestre vidreiro, muito bem remunerados. Entretanto, também pudemos observar traços de insalubridade na fábrica, onde os trabalhadores são expostos a ruídos, inalação de alguns agentes prejudiciais à saúde, além de altas temperaturas e riscos contra a integridade física.

Ao começar essa pesquisa, partimos da premissa de que a precarização do mundo do trabalho se dá pelo fato de o trabalhador assalariado estar submetido a uma lógica em que produz para auferir lucro ao capitalista e que a produção artesanal é uma das alternativas que propiciam condições de trabalho mais saudáveis. Podemos confirmar essa premissa, mesmo que parcialmente, já que identificamos no trabalho artesanal características que de fato propiciam condições de trabalhos mais saudáveis ao sujeito que o desempenha, motivados pela autonomia e pela participação do artesão em todos os processos do trabalho. Muito embora tenhamos identificado alguns indicadores de precarização nas atividades laborais do *luthier* e do vidreiro, não conseguimos obter evidências de que ambas as categorias cheguem a um nível de precarização que leva ao esgotamento físico ou mental. Dessa forma, a busca por alternativas de modelos de trabalho ou de gestão que não precarizem totalmente a força de trabalho não deve parar por aí, visto que até o trabalho artesanal, diferente do que pensávamos, também possui alguns sinais de precarização.

Uma das dificuldades do processo de análise foi o grande desafio no caso do mestre vidreiro (e também empresário) estudado, visto que ele foi o

único artesão da fábrica de cristais que nos concedeu entrevista e, dessa forma, conseguimos coletar apenas relatos que dizem respeito à sua opinião e não a dos funcionários que trabalham para ele. Além disso, nosso vidreiro mescla funções de mestre artesão com a de empresário e patrão, e isso nos colocou em dúvida e nos fez questionar até que ponto o *savoir-faire* do mestre artesão fica comprometido quando ele se confunde com uma atividade empresarial intimamente ligada à lógica do capital, sendo essa uma indagação que ainda pode render outras pesquisas na área da administração e da sociologia do trabalho.

Ao mesclar o trabalho artesanal com o industrial, o caso da fábrica de vidro estudada foi o que nos chamou mais a atenção nessa pesquisa. Pudemos observar durante a visita e comparando com o cotidiano de trabalho mais simples e tradicional do *luthier*, que quanto mais o artesanato se aproxima do modelo industrial de produção, mais os indicadores de precarização se mostram presentes no ambiente de trabalho. Na fábrica onde fizemos a observação e a entrevista, foi possível notar um ambiente fabril muito mais insalubre do que a oficina, simples e pequena, do *luthier*. Outra diferença entre as duas categorias artesãs estudadas é que a fábrica de vidros remunera seus funcionários com salários baseados no cálculo do lucro e da mais-valia, diferente do caso do *luthier*, cuja receita do seu trabalho vai integralmente para ele - sem expropriação de mais-valia de trabalho alheio.

Além disso, podemos notar peculiaridades e grandes diferenças entre o mestre vidreiro e o *luthier* no que diz respeito à forma como cada um assina seus produtos. No caso do *luthier*, a sua assinatura é a “mão” do violão, uma característica única que diferencia o seu produto dos artesãos concorrentes. Em relação ao mestre vidreiro, observamos que cada peça possui um adesivo com o logotipo da fábrica que visitamos e há algumas peças que levam a assinatura gravada do mestre vidreiro/empresário - peças que ele não produziu, ou seja, ele se apropria do trabalho dos seus funcionários e toma para si a autoria do produto, em nome de uma “marca” que ele já consolidou no Brasil.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. **O novo (e precário) mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo, 2000.

BERNARDO, M. H. **Trabalho duro, discurso flexível**: uma análise das contradições do toyotismo a partir da vivência de trabalhadores. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BREWER, J.D. **Ethnography**, Buckingham: Open University Press, 2000

DE DECCA, E. S. . **O nascimento das fábricas**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DEJOURS, C; DESSORS, D; DESRIAUX, F. Por um trabalho, fator de equilíbrio. **Rev. Adm. Empres.** 1993, v.33, n.3, p. 98-104

DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E. Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. (Org.) **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2007.

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Editora da FGV; 2000.

_____. **A loucura do trabalho**: Estudo de Psicopatologia do Trabalho. São Paulo: Cortez. 2007.

DOBB, M. **A Evolução do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1986.

DRUCK, G. A precarização social do trabalho no Brasil: alguns indicadores. In: ANTUNES, R. (org.). **Riqueza e Miséria do Trabalho no Brasil**,. São Paulo: Boitempo, 2013, v. 2.

ENRIQUEZ, E. O indivíduo preso na armadilha da estrutura estratégica. **Revista de Administração de Empresas**, v. 37, n. 1, jan./mar. 1997. p.18-29.

GAULEJAC, V. **Gestão como doença social**: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social. 3. ed. São Paulo: Ideias e Letras, 2007.

GRANDE, M. M. et al. Da tradição à modernidade: o *savoir-faire* do mestre de ofício na produção da cerveja e da cachaça artesanais. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 1, 2012, p. 25-48.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

MARCUSE, H. **Razão e revolução**: Hegel e o advento da teoria social. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

MARX, K. Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana (Manuscritos Econômico-filosóficos de 1844). In: FERNANDES, Florestan

(ORG.), **Marx e Engels. História**, São Paulo: Ática, 1989. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, nº 36).

_____. **O Capital**: Crítica da economia política: livro 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996, v. 1.

MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MILLS, C. W.. **White Collar**: The American Middle Classes. New York: Oxford University Press, 1951.

MORIN, E.; TONELLI, M. J.; PLIOPAS, A. L. V. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & Sociedade**, n. 19, p. 47-56, 2007. (Edição Especial 1)

OLIVEIRA, J. S; CAVEDON, N. R; FIGUEIREDO, M. D. O Artesanato na ótica de quem o produz: com a palavra os artesãos do Brique da Redenção em Porto Alegre. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 1, 2012, p. 141-162.

SEBRAE. **Programa SEBRAE de Artesanato**: Termo de Referência. Brasília: SEBRAE, 2004

SENNETT, R. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

TOLFO, S. R.; PICCININI, V. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, n. 19, p.38-46, 2007. (Edição Especial 1)

VASAPOLLO, L. O trabalho atípico e a precariedade: elemento determinante do capital no paradigma pós-fordista. In: ANTUNES, R (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2006.

VERGARA, S. e SILVA, H. Organizações artesanais: um sistema esquecido na teoria das organizações. **Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão**, v.6, n. 3, p. 32-38, 2007,.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 157-170, jul./dez. 2009.

NOTA

Esse artigo é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica realizada com financiamento da Fapesp (Processo 2014/10215-7).

Enviado em: 10 fev. 2016
Aceito em: 05 abr. 2016

Editora responsável: Hermelinda P. P. Martins